

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (II)
12 de abril de 2025

SECRET SHARER / 2014

Um filme de Peter Fudakowski

Realização: Peter Fudakowski / *Argumento:* Peter Fudakowski, baseado no conto *The Secret Sharer* de Joseph Conrad / *Produção:* Peter Fudakowski, Tom Waller / *Coprodução:* Michal Kwiecinski / *Produção Associada:* Bozena Bogdziewicz, Noah Weinzweig / *Produção Executiva:* Joseph D'Morais, Alan Howden, Hakan Kousetta, Rupert Lywood, Julia Palau / *Direção de Fotografia:* Michal Tywoniuk / *Montagem:* Jaroslaw Barzan / *Som:* Annop Jaikaew / *Design de Produção:* Pongnarin Jonghawklang / *Música:* Guy Farley / *Casting:* Celestia Fox / *Interpretações:* Jack Laskey (Konrad), Zhu Zhu (Li), Ching-Tin Hsia (Mong Lin), Leon Dai (Capitão Wang), Si Qin Chao Ke Tu (Engenheiro), Sittinont Ananvorakhun (Assistente de Cozinheiro), Zhongyou Guo (Cozinheiro), K.M. Lo (Chang), Aroon Wanasbodeewong (Steward), Wing Wang (A Miúda de Yang Shu), Bao Yin Ni Um Hu (Yang Shu), Song Bin Zhu (O Patrão) / *Cópia:* DCP (Scope), a cores, falado em mandarim e em inglês, com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 102 minutos / *Estreia Mundial:* 23 de junho de 2014, Londres / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Abundam as produções multinacionais de obras assinadas pelo escritor inglês, nascido na Polónia, e viajante de mares pouco navegados por pessoas da sua proveniência, Joseph Conrad. Esta produção inglesa, polaca, chinesa e tailandesa é inspirada no conto de Conrad, *The Secret Sharer*, publicado em 1910, contendo a singular proposta de dar uma expressão mais autêntica à paisagem e às línguas que, apesar de inspirarem a escrita, pouca expressão tiveram – ou de pouca autonomia gozaram – em adaptações futuras. Portanto, temos aqui uma verdadeira tripulação chinesa, falando a sua língua, com rostos e corpos asiáticos e um capitão inglês, expressando-se predominantemente em mandarim, na pele de um forasteiro desconfiado/temido a braços com a tarefa (quase) impossível de impor a ordem num navio de carga decrépito, no Mar da China Meridional. A juntar-se a isto, o capitão Konrad (nome que contém homenagem bem evidente ao autor original da história) tem de lidar com a sua própria consciência, já que o chefe pouco escrupuloso lhe reserva a realização de um plano maquiavélico que passa por afundar a embarcação com vista à obtenção do dinheiro do seguro.

O xadrez dramaturgico já seria, só assim, suficientemente complexo e entretido, tal como apresentado e desenvolvido por Conrad e, aqui, por Peter Fudakowski, produtor inglês de origem polaca (como Conrad *himself*) possuidor de uma filmografia marcada por alguns êxitos internacionais, tal como o oscarizado **Tsotsi** (2005), e que aqui assina a sua primeira – e até ver única – obra enquanto realizador (projeto de uma vida como se pode perceber pelo *making of* disponibilizado pelo próprio no YouTube, «The making of Secret Sharer the Movie», 27 de novembro de 2023). Tanto um como o outro acrescentam-lhe mais um desafio: a chegada de um elemento disruptivo da ação, que, das duas uma, ou contribuirá para afastar o capitão da sua equipa ou, antes pelo contrário, poderá servir de assistente secreto, alguém que o possa ajudar a ligar (como quem conserta um mecanismo danificado) uma equipa dilacerada pela modorra e os maus vícios. No texto de Conrad, o “terceiro elemento”, que se interpõe entre o capitão e a tripulação do navio, é um homem, uma espécie de duplo do capitão estrangeiro, ao passo que, nesta adaptação de Fudakowski, trata-se de uma jovem mulher, insinuante e determinada, que faz lembrar outras personagens do universo conradiano, tal como Aissa em *An Outcast of the Islands*. Nesse sentido,

este é um filme tanto dos “islanders” como do dito “outcast” ou em que ambos lutam e decisivamente *flirtam* em igualdade de circunstâncias.

A mulher-ninfa, que protagonizará os sonhos e as fantasias do homem solitário e isolado, também é uma mulher-capitã, no que é um volte-face curioso operado sobre o texto de origem: se no início esta parece ser como que um presente – quiçá envenenado – trazido pelas ondas do mar, rapidamente a vinda desta mulher, de nome Li, se tornará providencial para que Konrad regenere a vida no navio (no texto original a embarcação é uma “she”, com quem o capitão receia não conseguir comunicar). No entanto, a proposta de uma “erótica conradiana” não deixa de permanecer como elemento narrativo, no que é uma interessante reviravolta no filme: Li é, afinal, a grande curadora/cuidadora deste grupo de homens, mas fá-lo “na sombra” e, apetece acrescentar, também o faz enquanto acicata o desejo – e sossega o sentimento de isolamento – do capitão inglês. O secretismo da musa é o segredo do sucesso aqui, porque, como o capitão diz logo ao início, não são permitidas mulheres a bordo. Mas podia ter acrescentado: *pelo menos à vista desarmada*.

Luís Mendonça